

Os ritos tradicionais do Boi-bumbá Garantido de Parintins-AM: Alvorada, Santo Antônio, São João, São Pedro e a Matança do Boi

Socorro de Souza Batalha¹

Alvatir Carolino da Silva²

Resumo

O turista que vai ao Festival Folclórico de Parintins e assiste à apresentação do Garantido no Bumbódromo não se dá conta de que há outros ritos centenários e tradicionais realizados antes e depois do grande festival. O Boi Garantido é uma promessa a São João feita por seu fundador, o negro poeta e pescador Lindolfo Monteverde. Assim, nas noites dedicadas a esse santo, há ladainhas na capela do Curral; após as rezas, os tambores tocam e o Boi sai às ruas e terreiros recebendo as saudações do povo. Quando Lindolfo se casou com Dona Antônia, outra promessa foi feita. Desde então, nas noites de Santo Antônio, repetem-se as ladainhas, soam os tambores e o Boi vai às ruas da cidade. No dia de São Pedro, a festa acontece no meio da tarde e se dá no rio Amazonas, com a procissão fluvial que sai do Porto do Quilombo da Baixa da Xanda, território onde nasceu o Boi Garantido. Essas festas de santos ocorrem todas no mês de junho. A Alvorada do Garantido é considerada o rito de início do ciclo de festas do Garantido. Ela começa na noite que antecede o dia primeiro de maio, Dia do Trabalhador, quando o Boi vai às ruas e o povo canta até o amanhecer, encerrando-se minutos antes do início da Missa do Trabalhador. Todos esses ritos se encerram na praça da catedral da cidade. Há ainda um rito de grande comoção, a Matança do Boi, que ocorre na terceira semana de julho, quando o Boi foge do Curral, é capturado por vaqueiros e levado de volta para morrer, marcando o encerramento do ciclo anual de festas do Boi Garantido.

Introdução

A discussão sobre os ritos constitui um dos temas mais consolidados da tradição antropológica. Diferentes autores buscaram compreender como as sociedades organizam, por meio de práticas rituais, processos de passagem, pertencimento, memória coletiva e reprodução cultural. Arnold van Gennep, em *Os Ritos de Passagem* (2011), demonstrou que os ritos são mecanismos sociais que marcam transições fundamentais da vida

¹ Pós-doutora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), doutorado e mestrado em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), graduação em Ciências Sociais (UFAM).

² Professor titular do Instituto Federal do Amazonas, campus Manaus Zona Leste. Doutor em Antropologia Social pela UFAM, mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia e graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente, coordena o grupo Etnicidades, Desenvolvimento e Políticas Públicas no Amazonas no IFAM; integra o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia e participa do grupo Cultura Popular, Identidades e Meio Ambiente da UFAM.

individual e coletiva, estruturados em três momentos: separação, margem e agregação. Marcel Mauss, em *Sociologia e Antropologia* (2003), ao analisar as técnicas corporais, as dádivas e as formas de sociabilidade, evidenciou que os rituais constituem fatos sociais totais, nos quais dimensões religiosas, econômicas, políticas e simbólicas encontram-se profundamente articuladas. Posteriormente, Victor Turner, em *O Processo Ritual* (1974), enfatizou os conceitos de liminaridade e *communitas*, demonstrando como os rituais produzem momentos de intensa experiência coletiva, suspendendo temporariamente hierarquias e fortalecendo os laços sociais. Clifford Geertz, por sua vez, em *A Interpretação das Culturas* (2008), compreendeu os ritos como sistemas simbólicos capazes de comunicar valores, crenças e visões de mundo, permitindo interpretar a cultura como uma teia de significados compartilhados pelos grupos sociais. A partir dessas contribuições, os ritos podem ser entendidos como práticas que produzem e atualizam identidades coletivas, conectando passado e presente por meio da repetição de gestos, narrativas, performances e experiências comunitárias.

É nesse campo de reflexão que se insere o presente texto, dedicado à análise de cinco ritos tradicionais do Boi-Bumbá Garantido de Parintins: a Alvorada, as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, e a Matança do Boi. Embora o Festival Folclórico de Parintins seja amplamente conhecido nacional e internacionalmente pelas apresentações realizadas no Bumbódromo, existe um conjunto de celebrações que antecedem e sucedem o espetáculo oficial e que desempenham papel fundamental na construção da identidade do Boi Garantido.

Os ritos tradicionais do Boi Garantido podem ser definidos como práticas festivas, religiosas e comunitárias transmitidas ao longo de gerações e preservadas pelos moradores de Parintins. São celebrações centenárias que guardam elementos associados à devoção aos santos, às promessas realizadas por seus fundadores, às formas populares de organização comunitária e às expressões culturais das vivências amazônicas. Mais do que simples eventos comemorativos, esses ritos constituem mecanismos sofisticados de afirmação de pertencimento, ação coletiva e de fortalecimento dos vínculos entre o Boi, seus brincantes e a comunidade.

A permanência dessas celebrações ao longo de mais de um século evidencia a luta que os moradores da Baixa da Xanda e os descendentes da família Monteverde travaram para que esses ritos não deixassem de existir. Mesmo diante das transformações ocorridas na Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido e da crescente projeção alcançada pelo Festival Folclórico de Parintins, os ritos permanecem sendo realizados e transmitidos

entre gerações. Sua continuidade demonstra o esforço coletivo para manter vivas práticas que constituem importantes referências de memória, devoção e pertencimento para os moradores locais e para os torcedores que se deslocam anualmente à cidade para participar dessas celebrações.

Os ritos tradicionais do Boi Garantido estão profundamente vinculados à territorialidade do Quilombo da Baixa da Xanda, lugar reconhecido pelos moradores como espaço ancestral de origem do boi fundado por Lindolfo Monteverde. Situada às margens do rio Amazonas, a Baixa da Xanda constituiu, ao longo do século XX, um importante território de sociabilidade, trabalho e convivência comunitária. Segundo Dona Maria Monteverde, a paisagem local era marcada pela presença de extensas praias durante o período da vazante, pela abundância de peixes, por áreas de pesca, por árvores frutíferas e por grandes tucumanzais, que deram origem a uma das denominações populares ao lugar, Baixa do Tucumanzeiro.

As atividades ligadas à pesca, aos banhos de rio, às celebrações coletivas e à circulação de pessoas provenientes de diferentes comunidades ribeirinhas, quilombos e indígenas faziam da Baixa da Xanda um espaço de intensa interação social. Mais do que um território físico, a comunidade constituiu-se historicamente como um lugar de acolhimento, marcado pela hospitalidade e pela construção de redes de solidariedade que contribuíram para a formação das bases culturais e sociais do Boi Garantido.

A centralidade da Baixa da Xanda na história do Garantido também está associada às trajetórias das mulheres da família Monteverde, responsáveis pela preservação de práticas comunitárias, saberes tradicionais e formas de acolhimento. Esse legado remonta a Dona Germana, avó de Lindolfo Monteverde, mulher negra escravizada que carregava em seu corpo as marcas das violências sofridas durante a escravidão. Posteriormente, Alexandrina Monteverde, conhecida como Dona Xanda, mãe de Lindolfo Monteverde, artesã, costureira e benzedeira, liderou a região da Baixa da Xanda entre o final do século XIX e o início do século XX, consolidando-a como espaço de convivência comunitária, religiosidade popular e apoio às pessoas que chegavam à cidade de Parintins. (Batalha; Silva, 2024).

Atualmente, a preservação dessa memória e das tradições associadas ao boi permanece sob a guarda de Maria Monteverde, filha de Lindolfo, e suas companheiras e companheiros nessa jornada que de auto denominam como a Turma de Fé, cuja atuação tem sido fundamental para a continuidade dos ritos tradicionais e para a transmissão dos conhecimentos históricos da comunidade. Assim, os ritos do Garantido não podem ser

compreendidos apenas como manifestações festivas ou religiosas, mas como expressões de uma territorialidade ancestral que articula memória, pertencimento, devoção e identidade coletiva. Foi nesse ambiente social e cultural que Lindolfo Monteverde, negro, pescador, poeta e compositor, fundou o Boi Garantido, primeiro como uma brincadeira de crianças, depois, quando jovens vieram as promessas que firmaram seu Boi como um bem cultural festivo e devocional.

Alvorada do Garantido: o rito que desperta a memória de um povo

Na madrugada do dia 1º de maio, quando a maior parte da Amazônia ainda repousa sob a escuridão da noite, Parintins já está acordada. Pessoas vestidas de vermelho e branco ocupam as ruas da cidade, carregando bandeiras vermelhas e brancas, cantando toadas e acompanhando o som inconfundível de um batuque característico do Boi Garantido. Os batuqueiros do Garantido se autodenominam como Os Camisa Encarnada. Não se trata apenas de uma festa, mas de um ritual coletivo que anuncia a chegada do tempo do boi, celebra a memória dos antepassados e reafirma a identidade de uma comunidade que transformou sua história em patrimônio cultural nacional.

Sob a perspectiva da antropologia interpretativa, os rituais constituem sistemas simbólicos por meio dos quais uma sociedade representa, interpreta e atualiza sua própria existência. Conforme argumenta Clifford Geertz (2008), os rituais podem ser compreendidos como “textos culturais”, nos quais os significados compartilhados são continuamente produzidos e transmitidos. Atualmente, a Alvorada constitui uma das maiores manifestações populares do Amazonas. Ela nasceu da criatividade coletiva e da necessidade de reunir a comunidade em torno do boi fundado por Lindolfo Monteverde.

Antes mesmo da consolidação da Alvorada como rito organizado, era comum que o Boi Garantido percorresse, durante a noite, as ruas da Baixa da Xanda para visitar as residências das famílias que adquiriam a chamada “língua do boi”. Essas apresentações estendiam-se até a madrugada e constituíam uma prática recorrente da brincadeira, aproximando o boi de sua comunidade e fortalecendo os vínculos de vizinhança, solidariedade e pertencimento.

Segundo os relatos orais, foi na década de 1970, mais precisamente em 1974, que a Alvorada adquiriu uma nova configuração. O radialista Paulinho Faria e seus irmãos, acompanhava os preparativos do artista Jair Mendes para o primeiro ensaio da temporada. Enquanto Jair pintava cuidadosamente o boi, conferindo-lhe os detalhes que marcariam

sua identidade visual, surgiu uma preocupação comum: como levar mais pessoas ao curral?

A solução foi simples, mas profundamente inovadora. Utilizando um carro de som equipado com alto-falantes emprestados do antigo Cine Oriental, um grupo de apaixonados pelo Garantido percorreu as ruas da cidade antes do amanhecer anunciando o primeiro ensaio. Nos anos seguintes, a iniciativa ganhou novas dimensões. Vieram os fogueteiros, responsáveis por romper o silêncio da madrugada; depois, os batuqueiros, que levaram às ruas o som característico da Batucada. A cada ano, novos participantes incorporavam-se ao cortejo. Automóveis, bicicletas e caminhonetes acompanhavam o percurso, ampliando gradativamente a participação popular. Em 1977, o próprio boi passou a integrar a caminhada, sendo conduzido pelas ruas da cidade, aproximando ainda mais a comunidade daquele que representa o maior símbolo da nação vermelha e branca.

O momento decisivo ocorreu em 1986. Na noite de 30 de abril foi realizado o primeiro Baile Vermelho e Branco, no antigo Recanto Tropical. Ao término da festa, por iniciativa dos próprios participantes, a Batucada saiu às ruas acompanhada por uma multidão em direção ao Curral Lindolfo Monteverde. Pela primeira vez, a celebração assumia a forma de um rito organizado, reunindo música, caminhada, devoção, festa e pertencimento. A partir daquele momento, a Alvorada deixava de ser apenas um anúncio dos ensaios para consolidar-se como uma tradição permanente do Boi Garantido. Entretanto, compreender a Alvorada exige ir além de sua história recente. O ritual está profundamente ligado às origens do próprio Garantido e à trajetória de seu fundador, Lindolfo Monteverde e seus companheiros e companheiras de lutas.

Filho de Dona Alexandrina Monteverde, Lindolfo era pescador e conhecia profundamente a realidade dos trabalhadores da baixa. Participou da organização dos pescadores de Parintins e contribuiu para a fundação e fortalecimento da Colônia dos Pescadores, compreendendo a importância da associação coletiva como instrumento de defesa dos direitos da classe trabalhadora se um seguimento específico, os profissionais que viviam da pesca. Nessa jornada, Mestre Porrotó, pescador e batuqueiro, é sempre lembrado como uma das pessoas mais atuantes na fundação da primeira Colônia de Pesca de Parintins. São trajetórias de vida inseridas em uma comunidade formada por pescadores, agricultores, carpinteiros, pedreiros, artesãos, coletores de produtos da floresta, lavadeiras, empregadas domésticas e tantos outros trabalhadores que ajudaram a construir a história social e cultural de Parintins. O Garantido nasceu nesse universo popular, tornando-se uma expressão da experiência cotidiana desses homens e mulheres.

Não é, portanto, mera coincidência que a Alvorada aconteça justamente no dia 1º de maio. A data internacionalmente dedicada aos trabalhadores adquire, em Parintins, um significado singular, pois conecta a celebração do boi à memória daqueles que construíram a cidade por meio do trabalho, da solidariedade e da organização comunitária. Essa dimensão torna-se ainda mais evidente pela presença de São José Operário, um dos padroeiros do território histórico do Garantido e símbolo da dignidade do trabalho. Por essa razão, a Baixa da Xanda passou também a ser conhecida como Baixa do São José. Sob essa perspectiva, a Alvorada celebra não apenas o boi, mas, igualmente os valores de solidariedade, esperança, comunidade e trabalho que moldaram historicamente aquele espaço social.

Do ponto de vista antropológico, a Alvorada pode ser compreendida como um rito de passagem. Ela marca a transição entre o tempo cotidiano da cidade e o tempo ritual do Festival de Parintins. Até a madrugada do dia 1º de maio, o Festival ainda pertence ao futuro; depois da caminhada, passa simbolicamente a integrar o presente. Essa interpretação aproxima a Alvorada do conceito de rito de passagem desenvolvido por Victor Turner (1974). Segundo o autor, determinados rituais produzem um estado de liminaridade, momento em que os participantes suspendem temporariamente a ordem cotidiana para ingressar em um tempo extraordinário. Na Alvorada, a cidade abandona sua rotina para viver o tempo do boi.

O rito tem início logo após a grande apresentação realizada no Curral do Boi Garantido, espaço atualmente conhecido como Cidade Garantido. Entretanto, esse território guarda uma história anterior à configuração atual do boi em produção de espetáculo. Ali funcionava a antiga Fabril Juta, importante entreposto da economia júticola de Parintins. Era nesse espaço que os trabalhadores rurais, conhecidos como juteiros, levavam a produção cultivada em suas propriedades para comercialização e beneficiamento. A infraestrutura ainda preserva vestígios desse período, como os antigos galpões industriais e o porto destinado à atracação das embarcações que transportavam a juta pelos rios do Amazonas.

Com o declínio da economia da juta, a antiga área industrial foi profundamente ressignificada. Os galpões antes destinados ao armazenamento da fibra passaram a abrigar oficinas de ferragem, barracões de alegorias, espaços para a construção do boi, ateliês de costura, salas de pintura, setores administrativos, áreas de convivência, refeitório e a loja oficial do Garantido. A antiga indústria da juta transformou-se em uma verdadeira

indústria da arte, onde criatividade, conhecimento técnico e trabalho coletivo convertem matéria-prima em espetáculo, tornando possível a realização das três noites de apresentação no Bumbódromo.

É desse território, marcado pela memória do trabalho e pela reinvenção de sua função social. A Alvorada do Garantido inicia na noite da véspera do dia primeiro de maio com uma grande festa no Curral do Garantido, quando chega a madrugada, as primeiras horas do dia primeiros, o Boi sai às ruas iniciam uma passeata dançante cantando as músicas do Boi Garantido, passando em frente ao Curral Tradicional, onde o Boi nasceu e onde Lindolfo viveu. Seguem pelas ruas até as primeiras horas da manhã, encerrando na Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, quando badalam os sinos anunciando a missa de São José Operário.

Logo à frente, dança o Boi Garantido, acompanhado pelos vaqueiros e conduzido pelos tripas, brincantes responsáveis por conferir movimento de baixo do boi, expressão e vida ao símbolo maior da nação vermelha e branca. Durante todo o percurso ocorre o revezamento desses brincantes, uma vez que sustentar a estrutura do boi exige preparo físico, resistência e domínio de uma técnica corporal específica, transmitida entre gerações. Curvado sob uma armação que pesa entre quinze e vinte quilos, o tripa executa um gingado característico, que remete, em alguns movimentos, à capoeira, mas possui uma estética própria, construída historicamente no universo do boi-bumbá. Mais do que carregar uma estrutura, cabe a ele humanizar o boi, fazendo-o brincar, correr, cumprimentar o público, interagir com as crianças e responder aos comandos da música. É por meio de seus movimentos que o boi ganha personalidade e estabelece um diálogo permanente com a multidão.

A caminhada noturna constitui uma verdadeira travessia simbólica. Ao percorrer as ruas ainda envoltas pela escuridão, milhares de pessoas compartilham uma mesma experiência ritual. As toadas ecoam pelos bairros, a Batucada determina o ritmo dos passos e os corpos passam a mover-se coletivamente, sincronizados pela música. Pessoas de diferentes idades, profissões e trajetórias caminham lado a lado, produzindo aquilo que Victor Turner (1974) denomina *communitas*: um intenso sentimento de pertencimento que emerge durante a experiência ritual e suspende, ainda que temporariamente, as distinções presentes na vida cotidiana.

Ao longo do percurso, a Alvorada revela também uma importante dimensão da economia popular que se organiza em torno do rito. Entre os milhares de brincantes

destacam-se os tricicleiros, trabalhadores que acompanham toda a caminhada oferecendo bebidas e alimentos ao público. Em seus triciclos adaptados, transportam grandes caixas de isopor abastecidas com gelo, onde as garrafas de cerveja são cuidadosamente organizadas na posição vertical, deixando aparentes apenas as tampas, o que facilita a identificação e a venda durante o deslocamento. Outros comercializam refrigerantes, água mineral, doces, chicletes de diferentes marcas e sabores, enquanto vendedores ambulantes oferecem churrasquinho, banana frita, pipoca, balões e outras iguarias que integram a experiência da festa.

A presença desses trabalhadores evidencia que a Alvorada extrapola sua dimensão festiva. O rito movimenta uma ampla rede de trabalho informal, na qual centenas de famílias encontram uma importante oportunidade de geração de renda. Conforme observa Clifford Geertz (2008), os sistemas simbólicos não apenas representam a realidade social, mas organizam práticas concretas da vida coletiva.

No centro do cortejo encontra-se a Batucada, reconhecida pelos brincantes como o coração musical do Boi Garantido. Seus integrantes executam, do início ao fim da caminhada, o repertório que sustenta o ritmo da multidão. Surdos, caixinhas, repiques, palminhas e xeque-xeques produzem uma sonoridade intensa e contínua, transformando as ruas da cidade em um grande espaço ritual. O compasso dos instrumentos sincroniza os corpos, organiza o deslocamento coletivo e conduz as emoções dos participantes durante toda a madrugada.

Embora realizem pequenas paradas para hidratação, consumindo água ou cerveja, os ritmistas mantêm a execução praticamente ininterrupta das toadas. Entre eles circula uma bebida conhecida como Sete Espíritos, preparada pelos próprios integrantes da Batucada. A receita reúne gengibre, cachaça, limão, açúcar e uma combinação de ervas cujo preparo permanece como segredo entre seus conhecedores. Compartilhada de mão em mão ao longo do percurso, a bebida tornou-se um símbolo de interação da batucada.

A principal parada do cortejo acontece diante da Igreja de São Benedito, santo de profunda devoção na Baixa da Xanda e reconhecido pela comunidade como o Santo Negro. Esse é um dos momentos de maior densidade simbólica da caminhada, pois evidencia a estreita relação entre religiosidade popular e cultura do boi-bumbá. Diante do templo, o Boi Garantido interrompe momentaneamente seu deslocamento para prestar homenagem ao santo. Enquanto a Batucada executa a tradicional toada denominada “São Benedito” composta pelo mestre Chico da Silva, o boi dança e as pessoas contam em frente à igreja.

Após essa homenagem, o rito prossegue pela avenida Amazonas, rua principal da cidade de Parintins. Em diversos trechos, o boi interrompe novamente sua caminhada para visitar moradores que aguardam sua passagem desde as primeiras horas da madrugada. As fachadas das residências encontram-se ornamentadas com bandeiras do Garantido, balões nas cores vermelha e branca e outros elementos decorativos que transformam o bairro em uma grande extensão do curral. Famílias inteiras aguardam nas calçadas para receber o boi, cantar as toadas, acompanhar sua dança e compartilhar alimentos e bebidas com amigos e visitantes.

Sob a perspectiva de Geertz (2008), esses gestos cotidianos revelam aquilo que o autor denomina de “descrição densa”. O ritual não se limita ao percurso realizado pelas ruas da cidade; ele incorpora práticas, afetos, reciprocidades e formas de sociabilidade que conferem sentido à experiência coletiva. Cada parada, cada toada, cada saudação ao boi e cada casa enfeitada tornam-se símbolos por meio dos quais a comunidade interpreta e reafirma sua própria existência.

Depois de horas de caminhada, o cortejo finalmente alcança a Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo. A multidão reúne-se para testemunhar um dos momentos mais aguardados da celebração: o nascimento do novo dia. Lentamente, os primeiros raios avermelhados do sol rompem a escuridão da madrugada e iluminam o céu, produzindo uma imagem que, para os brincantes, tornou-se inseparável da própria Alvorada. Nesse instante, o vermelho que colore o horizonte parece prolongar simbolicamente as cores do Garantido. O amanhecer deixa de ser apenas um fenômeno natural para converter-se em parte integrante do ritual. Natureza, religiosidade e cultura popular unem-se em uma mesma experiência simbólica. O alvorecer diante da Catedral marca o encerramento da caminhada e, ao mesmo tempo, anuncia o início oficial do tempo do boi.

A Alvorada do Boi Garantido foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, e, é, sem dúvida, uma das maiores e mais significativas festas da classe trabalhadora do Brasil.

Garantido: Boi da promessa à São João Batista

Segundo a memória oral dos moradores da Baixa da Xanda, o Boi Garantido foi criado em 1913 por Lindolfo Monteverde, quando ainda era criança. As narrativas familiares relatam que Lindolfo costumava brincar com o curuatá, estrutura fibrosa que envolve os cachos e frutos das palmeiras amazônicas, improvisando um pequeno boi que

carregava sobre as costas. Segundo Maria Monteverde, ele utilizava retalhos de tecido vermelho e branco para ornamentar o brinquedo, cores que mais tarde se tornariam os símbolos oficiais do Garantido. As crianças da comunidade reuniam-se para brincar, cantar e criar versos, transformando aquela diversão em uma manifestação coletiva.

Desde os primeiros anos, o boizinho de Lindolfo já reunia elementos que marcariam a trajetória do Garantido: a criatividade popular, a participação comunitária e a forte relação com o território da Baixa da Xanda. A primeira vez que Lindolfo colocou o Boi, quando criança, foi em uma noite de Santo Antônio. Mas, nesses primeiros anos, quando seu fundador já estava na adolescência, fez uma promessa a São João Batista. Conforme relatam seus familiares, uma grave epidemia de malária atingiu a região quando ele ainda era jovem, provocando inúmeras mortes e deixando grande parte da população adoecida

Ao vê-lo gravemente enfermo, Dona Xanda aconselhou-o a pedir proteção a um dos santos tradicionalmente festejados pela família, Lindolfo escolheu São João Batista e prometeu que, se alcançasse a cura, colocaria o boi para brincar todos os anos em homenagem ao santo. A recuperação ocorreu poucos dias depois, levando-o a cumprir a promessa. Desde então, a realização da ladainha e da festa tornou-se um compromisso anual. Os mais antigos recordam que as primeiras celebrações reuniam moradores para rezar, compartilhar alimentos como aluá, bolo de macaxeira e tacacá, além de festejar ao som do forró.

A devoção a São João Batista passou, assim, a constituir um dos pilares da identidade do Garantido, assegurando a continuidade histórica e cultural da comunidade da Baixa da Xanda. Mais de um século depois, a promessa de Lindolfo Monteverde continua sendo renovada pelos moradores, pelos descendentes da família Monteverde e pelos torcedores do boi. O ritual inicia-se com a ladainha organizada pela comunidade e pela família Monteverde na Capela de Todos os Santos, reinaugurada em 2024 no Curral Tradicional da Baixa da Xanda.

A capela foi reerguida, pois, há décadas a antiga não existia mais. É uma capela em homenagem aos santos que compõem a devoção histórica da comunidade: São João Batista, Santo Antônio, São Pedro, São José, São Sebastião, São Benedito e Nossa Senhora do Carmo. As rezas e os cânticos são realizados em latim, sendo que a maior parte da geração que rezava com Lindolfo Monteverde já faleceu, restando atualmente apenas duas pessoas que ainda preservam essa prática. Após a ladainha, o som dos tambores anuncia a saída do boi pelas ruas da cidade. O rufar dos instrumentos marca o

início de uma caminhada que mobiliza moradores, brincantes e torcedores. Nesse período, o Curral Tradicional da Baixa da Xanda e as ruas por onde o cortejo passa são cuidadosamente enfeitados pelos moradores com bandeirolas e bandeiras vermelhas e brancas, cores que identificam o Garantido, reforçando o clima festivo e a participação coletiva na celebração de São João. As fogueiras acesas diante das residências se transformam em pontos obrigatórios de parada, onde o boi dança acompanhado por seus vaqueiros.

Famílias inteiras aguardam sua passagem. Idosos, mestres e mestras da cultura popular, jovens e crianças recebem o boi com abraços, beijos e manifestações de alegria, como se estivessem diante dele pela primeira vez. Ao longo da caminhada, as pessoas cantam, dançam e se emocionam com antigas toadas compostas pelos poetas da Baixa da Xanda e interpretadas pelas novas gerações de cantores e versadores. Entre elas destacam-se os versos de Mestre Vavazinho: “Chegou o Garantido, todo bonito, cercado de lanças. A orelha dele balança, é verdade. Boi Garantido tem muita coragem. É um garrote decente. Meu boi vale um tesouro. Morena, tu queres, te dou de presente”. Também ecoam as composições de Mestre Fred Góes: “Vem, vem, vem tomar banho de cheiro. Garantido vem chegando, perfumando o povo inteiro. É boi-brinquedo de São João, brincadeira que a gente tanto espera com emoção”. Outra toada frequentemente entoada é a de Mestre Ambrósio: “Anunciei boi na cidade. A minha fama, boi contrário, você sabe. Você tem inveja das nossas toadas. Esse é o Boi Garantido e topa qualquer parada”.

O encerramento da noite de São João ocorre nas primeiras horas da madrugada, quando o cortejo chega à Catedral de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins. Após percorrer ruas, terreiros, fogueiras e espaços de memória da cidade, o Garantido encontra-se com uma multidão que o acompanha desde a Baixa da Xanda. O cansaço dos brincantes contrasta com a emoção coletiva daqueles que participaram da caminhada. O que se celebra é a devoção ao santo, o cumprimento da promessa e o reencontro entre diferentes gerações de brincantes.

A cada parada renovam-se memórias familiares, histórias de antigos mestres e ensinamentos transmitidos pelos mais velhos. Assim, a noite de São João ultrapassa a dimensão festiva e constitui um rito de atualização da memória coletiva, reafirmando os vínculos entre o Garantido, a comunidade da Baixa da Xanda e a cidade de Parintins. É nesse movimento contínuo entre fé, tradição e celebração popular que a promessa feita por Lindolfo Monteverde permanece viva há mais de um século, mobilizando corpos, afetos e pertencimentos que sustentam a existência social e cultural do Boi Garantido.

O rito do Boi Garantido a Santo Antônio

O rito dedicado a Santo Antônio possui estrutura muito semelhante à celebração realizada em homenagem a São João Batista. Ambos são marcados pela realização da ladainha, pela saída do boi pelas ruas da cidade, pela presença das fogueiras e pela participação intensa da comunidade. Entretanto, a devoção a Santo Antônio possui uma origem distinta. Enquanto a celebração de São João está associada à promessa feita por Lindolfo Monteverde durante sua recuperação da malária, a festa de Santo Antônio remete à união matrimonial entre Lindolfo Monteverde e Dona Antônia Colares. Segundo a memória familiar, Dona Antônia era devota de Santo Antônio, santo conhecido na tradição católica como protetor dos casamentos e das famílias e na região de matriz africana como exu. Após o casamento do casal, uma nova promessa passou a integrar o calendário ritual do Garantido. Desde então, todos os anos, a comunidade se reúne para homenagear o santo, renovando simbolicamente os laços familiares que deram continuidade à trajetória do boi. Dessa união nasceram Maria do Carmo, João Batista, Raimunda, Antônia Alexandrina, Benedita e Reinaldo Monteverde. Não por acaso, a presença recorrente dos nomes Antônio e Antônia entre os moradores da Baixa da Xanda é registrada pelos mais velhos como uma demonstração da importância do santo para a comunidade.

A celebração ocorre entre os dias 12 e 13 de junho, articulando duas datas profundamente simbólicas: o Dia dos Namorados e o dia dedicado a Santo Antônio. Trata-se de uma festa que celebra simultaneamente o amor, a união familiar, a devoção religiosa e o pertencimento comunitário. Muito antes da chegada da data festiva, a Baixa da Xanda já começa a se transformar. Desde os primeiros dias de junho, moradores e torcedores se mobilizam para preparar o percurso por onde o boi irá passar.

Tintas, pincéis, rolos, lixas, linhas de nylon, fitas, tecidos e materiais de ornamentação são doados por torcedores. As ruas ganham novas cores. Casas são pintadas de vermelho e branco, muros são restaurados e bandeirolas são cuidadosamente confeccionadas pelos moradores. Durante vários dias, famílias inteiras dedicam-se à preparação da festa. Homens, mulheres, idosos e crianças compartilham tarefas em um grande mutirão comunitário.

As linhas de nylon atravessam as ruas de um lado a outro. Nelas são amarradas, uma a uma, fitas vermelhas e brancas que balançam ao vento vindo do rio Amazonas. As

crianças auxiliam os mais velhos, entregando materiais, alcançando escadas ou simplesmente observando atentamente os preparativos. Ao final das tardes, quando o calor diminui, voltam a ocupar a praça do mercado da Baixa da Xanda, onde brincam enquanto os adultos continuam os trabalhos.

A paisagem da comunidade compõe um cenário singular. Em frente ao mercado, às margens do rio Amazonas, pequenas embarcações de madeira permanecem ancoradas em uma enseada protegida. Canoas amarradas umas às outras dividem espaço com capins trazidos pela correnteza. Nas proximidades encontram-se residências de madeira, alvenaria e pequenas construções adaptadas para a venda de bebidas, alimentos e produtos de uso cotidiano. Mesas de sinuca ocupam parte das calçadas e funcionam como espaços de sociabilidade no final da tarde.

Entre as casas, do lado esquerdo destaca-se a residência de Dona Maria Monteverde. Pintada de vermelho e branco, ela ocupa posição central na comunidade. Frequentemente, a matriarca pode ser vista sentada em sua pequena varanda observando o movimento da Baixa. Sua presença constitui uma referência afetiva para moradores e visitantes, simbolizando a continuidade da memória familiar e dos ensinamentos transmitidos por Lindolfo Monteverde.

O Curral Tradicional da Baixa da Xanda, situado nesse mesmo território. O espaço conserva elementos que remetem às antigas formas de organização do Garantido: uma arquibancada lateral, um pequeno palco central, a casa preservada do fundador e, mais recentemente, a Capela de Todos os Santos. Durante décadas, esse foi o principal espaço de realização das festas do boi antes da expansão institucional que acompanhou o crescimento do Festival Folclórico de Parintins.

Na noite de 12 de junho, por volta das dezenove horas, a comunidade começa a receber pessoas vindas de diferentes bairros da cidade. Vestidos predominantemente de vermelho, os torcedores caminham em direção à Baixa da Xanda. Crianças seguem de mãos dadas com os pais ou acomodadas sobre seus ombros. Muitas famílias enfrentam dificuldades econômicas, mas procuram adquirir alguma peça de vestuário que simbolize sua ligação com o Garantido.

Ao mesmo tempo, uma intensa economia popular passa a ocupar as ruas. Triciclos adaptados para a venda de bebidas acompanham o percurso do boi. Vendedores instalam caixas térmicas nas calçadas. Barracas de tacacá surgem em diferentes pontos do trajeto. Pequenas churrasqueiras espalham fumaça e aroma pela rua Lindolfo Monteverde,

atraindo moradores e visitantes que aguardam o início do rito. Essa rede de comercialização acompanha até o fim do trajeto.

Quando os primeiros tambores ecoam no curral em frente ao curral tradicional, a multidão responde imediatamente. Gritos, aplausos e cantorias anunciam que o rito começou. No alto do trio elétrico encontram-se Israel Paulain, David Assayag, João Paulo Faria e os músicos responsáveis por conduzir o rito. À frente deles seguem dezenas de batuqueiros e batuqueiras executando ritmos nos surdos, repiques, caixas, xeque-xeques e palminhas.

Mais adiante surge o boi. Cercado pelos vaqueiros, ele dança ao redor das fogueiras acesas diante das residências. Por coincidir com o Dia dos Namorados, flores vermelhas são distribuídas às mulheres ao longo do percurso. Muitas disputam carinhosamente uma flor oferecida pelo boi, atribuindo ao gesto significados ligados ao amor, ao afeto e à união.

As crianças aguardam ansiosamente pela passeata. Algumas estendem os braços tentando tocar o boi. Outras observam fascinadas seus movimentos enquanto permanecem nos ombros dos pais. Para muitas delas, essa é uma oportunidade rara, já que durante os ensaios oficiais nem sempre podem participar das atividades noturnas.

A caminhada avança lentamente. O objetivo não é chegar rapidamente ao destino final, mas prolongar ao máximo essa experiência com o boi. Pessoas que nunca se viram antes conversam, cantam e dançam juntas. O percurso transforma-se em um grande espaço de sociabilidade onde diferenças de idade, profissão ou condição social se tornam secundárias diante da experiência compartilhada de ser Garantido.

Em diversos momentos, os metres são lembrando quando o boi chega em frente as suas residências. A Dona Maria Monteverde segue em cima do trio elétrico, ela representa não apenas a continuidade da família fundadora, mas também a memória coletiva da Baixa da Xanda.

Já durante a madrugada, o cortejo deixa a rua Lindolfo Monteverde e segue pela rua Armando Prado em direção ao centro da cidade. As árvores centenárias que margeiam a avenida, entre elas bandeiras vermelhas e brancas compõem um cenário. Por volta das cinco horas da manhã, o Boi Garantido chega à Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Diante da igreja, cantam-se toadas dedicadas à padroeira de Parintins. O boi aproxima-se do portão principal como quem pede bênçãos para mais um ano de existência.

Encerrado o ritual, muitos participantes seguem para tomar café ou saborear uma sopa de mocotó. O amanhecer marca o fim da caminhada, mas também a renovação dos

laços de pertencimento que mantêm viva, há mais de um século, a tradição do Boi Garantido.

Rito de São Pedro: a romaria das águas e a devoção dos pescadores do Boi Garantido

O ciclo dos ritos tradicionais do Boi Garantido no mês de junho encerrava-se com a celebração de São Pedro, realizada no dia 29 de junho. Diferentemente das festas de Santo Antônio e São João Batista, marcadas pelas caminhadas noturnas nas ruas da cidade, a homenagem ao santo protetor dos pescadores acontecia durante a manhã, sobre as águas do rio Amazonas. Trata-se de um rito profundamente vinculado à história da Baixa da Xanda e às formas tradicionais de vida de seus moradores, cuja subsistência esteve, durante gerações, associada à pesca artesanal.

A devoção a São Pedro possuía um significado especial para a comunidade ribeirinha, uma vez que grande parte das famílias vivia diretamente da pesca ou mantinha estreita relação com o rio. O próprio Lindolfo Monteverde era pescador e conhecia profundamente os ciclos das águas, os períodos de cheia e vazante, os locais de pesca e os saberes necessários para sobreviver no Amazonas. Assim, a celebração não representava apenas uma homenagem religiosa, mas também um reconhecimento das formas de vida que sustentaram a comunidade da Baixa da Xanda e deram origem ao Boi Garantido.

As memórias de Maria Monteverde revelam a importância da pesca na vida da família e dos moradores da Baixa. Segundo ela, Lindolfo Monteverde era um pescador respeitado e conhecido por sua generosidade. Ao retornar das pescarias nas primeiras horas da manhã, costumava repartir os peixes com os vizinhos que viviam ao redor de sua casa. A abundância dos recursos naturais permitia capturas expressivas de peixes, camarões e até tartarugas durante os períodos de vazante. Dona Maria Monteverde recorda que os vizinhos ajudavam a descarregar as canoas e a preparar os alimentos. Em seguida, organizavam-se grandes refeições coletivas. Havia peixe assado na brasa, mingau, tacacá e camarão seco cuidadosamente armazenado para alimentar todos aqueles que participavam das atividades do boi. Ninguém saía da casa da família Monteverde sem comer. O alimento compartilhado fortalecia os laços de solidariedade e acolhimento que caracterizavam a vida comunitária da Baixa da Xanda.

Os preparativos para a festa de São Pedro começavam dias antes da celebração. As famílias limpavam e ornamentavam suas canoas com bandeiras, fitas e tecidos nas

cores vermelha e branca. Quem não possuía embarcação buscava empréstá-la de parentes ou amigos para garantir sua participação na procissão. A organização da festividade estava ligada à Colônia de Pescadores Z-17 e aos moradores da Baixa da Xanda. Eram os pescadores vinculados à colônia e os pescadores da comunidade que coordenavam a programação religiosa e festiva, organizavam a procissão fluvial, os batuques, a armação do mastro de São Pedro e as demais atividades que aconteciam ao longo do dia.

As lembranças de Dé Monteverde ajudam a compreender o início da celebração. Segundo ele, quando era criança, costumava ser acordado ainda nas primeiras horas da manhã pelo som dos batuques de gambá (rito afro amazônico) e pelas cantorias dos pescadores da Colônia Z-17 e da comunidade. O som dos tambores ecoava pela Baixa da Xanda anunciando que o dia de São Pedro havia começado. Os pescadores já estavam reunidos em frente à colônia preparando o mastro, organizando a procissão e recebendo os participantes que chegavam para a celebração. A movimentação era intensa e envolvia moradores de diferentes partes da cidade.

Além dos batuques e das rezas, a programação incluía diversas atividades recreativas e culturais. Havia apresentações de gambá, cantorias e brincadeiras populares. O mastro de São Pedro era erguido logo pela manhã e permanecia como um dos símbolos centrais da festividade. Entre as atrações mais aguardadas estava o tradicional pau-de-sebo, que reunia crianças, jovens e adultos em torno das disputas e das brincadeiras promovidas pelos pescadores da comunidade.

Nas primeiras horas da manhã, o porto da Baixa da Xanda tornava-se um cenário tomado pelas cores vermelha e branca. As canoas ocupavam lentamente as margens do rio enquanto bandeiras tremulavam ao vento e pequenos altares improvisados homenageavam São Pedro. Quando a procissão tinha início, as embarcações seguiam lentamente o curso do rio Amazonas, conduzidas pela correnteza. Formava-se então uma extensa fila de canoas coloridas que contrastava com as águas barrentas do rio.

As memórias de Natalina Batalha e Oriane Batalha, mãe e irmã de Socorro Batalha, revelam a dimensão pública desse ritual. Sempre que podiam, deslocavam-se para a Baixa da Xanda para acompanhar a passagem da procissão dos pescadores. Posicionavam-se próximo à chamada Curva da Baixa, observando a movimentação das embarcações e dos barcos ancorados. À medida que as canoas passavam, moradores reunidos nos barrancos e nas margens do rio acenavam e aplaudiam os participantes. Os pescadores partiam da região conhecida como Boca do Limão, atravessavam o território

da Baixa da Xanda e seguiam em direção ao cais do porto de Parintins, transformando o percurso em um grande espetáculo de fé sobre as águas.

O som dos remos misturava-se às rezas, às conversas e às toadas entoadas pelos participantes. Algumas famílias rezavam o terço, enquanto outras compartilhavam alimentos, histórias e lembranças das antigas procissões. Avós, pais, filhos e netos navegavam juntos, transmitindo memórias sobre a pesca, o rio e a história do Garantido. Após a procissão, outro momento muito aguardado era a tradicional regata dos pescadores, hoje praticamente desaparecida.

Segundo Dé Monteverde, a competição partia da Boca do Limão e seguia em direção ao porto principal da cidade. As canoas eram conduzidas por três pescadores: dois remavam enquanto o terceiro retirava a água que entrava na embarcação durante o percurso. Entre os competidores estavam pescadores experientes da Baixa da Xanda, como Dedé Machão e Belinho, reconhecidos por suas habilidades e resistência nas águas do Amazonas. A regata mobilizava toda a cidade, atraindo moradores que se dirigiam à frente da cidade para acompanhar a chegada das embarcações e torcer pelos competidores.

Essa relação entre devoção e trabalho foi registrada na toada Romaria das Águas, composta por Cyro Cabral para o Boi Garantido. A composição apresenta os pescadores como romeiros que transformam suas canoas em instrumentos de fé. Navegando pelos rios amazônicos, pedem proteção, fartura na pesca e segurança diante dos perigos das águas. A toada descreve o cotidiano dos pescadores diante da vastidão do rio, da floresta e da solidão das jornadas de pesca, reafirmando a confiança depositada em São Pedro como protetor daqueles que dependem dos rios para sobreviver.

Entretanto, esse rito já não ocorre com a mesma frequência observada em décadas anteriores. Com a consolidação do Festival Folclórico de Parintins e a definição de suas apresentações para o último fim de semana de junho, o dia de São Pedro frequentemente coincide com uma das noites do festival. Nesses períodos, artistas, músicos, brincantes, organizadores e torcedores estão diretamente envolvidos com as apresentações no Bumbódromo, o que dificulta a realização da procissão fluvial. Além disso, a pandemia de Covid-19 interrompeu a realização da celebração por alguns anos, contribuindo para o enfraquecimento da tradição.

Ainda assim, o rito de São Pedro continua ocupando um lugar central na memória coletiva da comunidade. Ele representa a ligação histórica entre o Boi Garantido e as águas do Amazonas, reafirmando a importância da pesca, do rio e dos modos de vida

ribeirinhos na formação social e cultural da Baixa da Xanda. Se São João remete à promessa fundadora de Lindolfo Monteverde e Santo Antônio à constituição da família Monteverde, São Pedro simboliza o rio que alimentou gerações de moradores, sustentou pescadores, inspirou toadas e ajudou a construir a história do Boi Garantido.

Rito da matança do Boi Garantido

O ciclo ritual do Boi Garantido não se encerrava com o Festival Folclórico de Parintins. Após as apresentações na arena, as festividades de São Pedro e a celebração de Nossa Senhora do Carmo, os brincantes voltavam a se reunir no dia 17 de julho para realizar um dos ritos mais simbólicos da tradição do Garantido: a Matança do Boi. A celebração representa o encerramento oficial do calendário festivo anual do boi e reafirma elementos fundamentais da cultura popular amazônica relacionados ao Auto do Boi.

Mais do que um espetáculo festivo, a Matança do Boi constitui um ritual de passagem. Nela, o boi morre simbolicamente para renascer novamente no ano seguinte, durante as celebrações do aniversário de Lindolfo Monteverde, realizadas em 3 de janeiro. Trata-se de uma representação que articula morte e vida, encerramento e recomeço. Assim como a natureza amazônica se organiza em ciclos de cheia e vazante, o Boi Garantido também renova sua existência por meio de seus ritos tradicionais.

Historicamente, a celebração esteve vinculada às comunidades no território dos fundadores do Garantido. Durante décadas, o rito permaneceu concentrado na Baixa da Xanda e nos arredores do Curral Lindolfo Monteverde. Era nesses espaços que viviam os descendentes de Germana, Alexandrinha Monteverde e Lindolfo Monteverde, os antigos brincantes, pescadores, vaqueiros e moradores responsáveis pela continuidade da tradição. Diferentemente das grandes apresentações do Festival Folclórico, a Matança possuía um caráter marcadamente comunitário e familiar, reunindo moradores, torcedores e antigos brincantes em torno da memória coletiva do boi.

A utilização da expressão “Matança do Boi” pelos moradores da Baixa da Xanda não constitui apenas uma forma popular de nomear a celebração. Trata-se de uma categoria nativa amplamente utilizada pelos brincantes de bois-bumbás na Amazônia. Conforme observam Silva e Batalha (2024), a matança ultrapassa a dimensão do espetáculo e envolve afetos, memórias e relações construídas ao longo das gerações. Diferentemente da categoria “Auto do Boi”, predominante nos estudos folclóricos e nas

apresentações oficiais, a noção de matança permanece associada às experiências vividas pelos próprios brincantes em seus territórios de pertencimento.

Mais do que um espetáculo festivo, a matança constitui um ritual de passagem. Nela, o boi morre simbolicamente no dia 17 de julho para renascer novamente no ano seguinte, durante as celebrações do aniversário de Lindolfo Monteverde, realizadas em 3 de janeiro. Trata-se de uma representação que articula morte e vida, encerramento e recomeço. Historicamente, a celebração esteve vinculada ao território do Boi Garantido, a baixa da Xanda. Durante décadas, o rito permaneceu concentrado nessa região e principalmente nos arredores do Curral Lindolfo Monteverde. Dentro dessa territorialidade específica vivem os descendentes Germana, Alexandrina e Lindolfo Monteverde, os antigos brincantes, pescadores, vaqueiros e moradores responsáveis pela continuidade da tradição. Diferentemente das grandes apresentações do Festival Folclórico, a Matança possuía um caráter marcadamente comunitário e familiar, reunindo moradores, torcedores e antigos brincantes em torno da memória coletiva do boi.

Dentro dessa rede de relações construída na Baixa da Xanda, destacava-se a figura dos padrinhos do boi. Conforme recorda Dé Monteverde (2003), importantes comerciantes e empresários de Parintins contribuía para a manutenção das atividades do Garantido, entre eles Pichita Cohen, Maíno Maia, Ermano Farias, Ires Pinheiro, Antônio Maia, Raimundo Dejard Vieira, Lourival Albuquerque Filho, Raimundo Nonato Barbosa e Osmar Faria. Esses padrinhos não apenas ofereciam apoio financeiro, mas participavam ativamente das festividades e reforçavam os vínculos entre o boi e diferentes setores da sociedade parintinense.

Entre esses colaboradores, nas primeiras décadas do século passado, destacava-se Aldenor Teixeira de Oliveira, avô de Socorro Batalha, comerciante e morador da Baixa da Xanda, cuja residência localizava-se próxima à Igreja de São Benedito. Amigo de Lindolfo Monteverde e padrinho de casamento de Maria Monteverde, Aldenor frequentemente convidava o Boi Garantido para se apresentar em frente à sua casa. Nessas ocasiões, realizava simbolicamente a compra da “língua do boi”, prática tradicional por meio da qual oferecia uma quantia em dinheiro para auxiliar nas despesas da brincadeira. As famílias tradicionais da Baixa relatam ainda que Aldenor Teixeira, juntamente com outros comerciantes da cidade, costumava doar bois para a realização da grande churrascada que acontecia após a Matança, momento de confraternização que reunia brincantes, familiares e moradores da comunidade.

Nos dias atuais, os preparativos para a Matança começam muito antes da encenação. Toda a preparação simbólica ocorre em torno do próprio brinquedo. O pano que reveste sua estrutura corporal é substituído por um novo, assim como partes do rabo e da cabeça. Um dos momentos mais significativos consiste na ornamentação dos chifres com a palha de piririma. Segundo relato de Suzan Monteverde, essa prática constitui uma das marcas mais importantes da Matança do Boi. Ao buscar informações junto aos parentes mais velhos da Baixa da Xanda, ouviu que a ornamentação sempre fez parte do ritual. A piririma, uma palmeira encontrada nas matas da região, simboliza a fuga do boi. Conforme narravam os antigos brincantes, os vaqueiros encontram-se à procura do animal enquanto ele se esconde na mata para escapar de sua morte. Os chifres ornamentados representam justamente esse momento de perseguição e resistência. Para Suzan Monteverde, a emoção despertada pela Matança está associada ao fato de que o rito preserva memórias familiares e recorda a resistência daqueles que impediram o desaparecimento da tradição ao longo das transformações vividas pelo Garantido.

Concluídos os preparativos, inicia-se a encenação inspirada no Auto do Boi. Assim da batucada, das toadas e das cantorias tradicionais, o Garantido percorre as ruas da baixa da Xanda acompanhado por vaqueiros, brincantes e torcedores. O boi corre, se esconde e tenta escapar dos perseguidores, reproduzindo episódios conhecidos da narrativa popular. Em determinado momento, é alcançado pelos vaqueiros e entregue a Pai Francisco, personagem responsável pela execução simbólica do animal. Diferentemente das narrativas do Auto do Boi, em que o boi morre e ressuscita. No rito da matança em morre, por isso é um ato triste para muitos torcedores do Boi Garantido. O encerramento do ciclo festivo não representa um desaparecimento definitivo, mas uma pausa necessária para que a brincadeira possa renascer.

Esse retorno ocorre simbolicamente no dia 3 de janeiro, data de nascimento de Lindolfo Monteverde. O renascimento do boi reafirma a continuidade da promessa deixada por seu fundador e marca o início de um novo ciclo de atividades, celebrações e preparativos. Durante muito tempo, a celebração permaneceu restrita aos territórios históricos do Garantido, preservando seu caráter comunitário e sua forte ligação com a Baixa da Xanda. Contudo, as transformações ocorridas na cidade e no próprio bumbá alteraram gradualmente a dimensão do ritual. Em alguns períodos, a festa perdeu força diante da crescente centralidade do Festival Folclórico e da diminuição da participação das antigas famílias envolvidas diretamente com os ritos tradicionais.

Nos últimos anos, entretanto, observa-se um movimento de valorização dessas práticas históricas. Em 2025, durante a gestão de Fred Góes e Marialvo Brandão, a Matança do Boi ganhou um novo percurso, ampliando sua presença no espaço urbano de Parintins. A caminhada passou a sair do Curral Lindolfo Monteverde, seguindo pela rua Nações Unidas, passando pela Igreja de São José Operário e chegando até a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. A ampliação do trajeto permitiu que novos públicos acompanhassem a celebração, ao mesmo tempo em que reafirmou a importância do rito para a memória e para a identidade do Garantido.

A permanência da Matança do Boi na Baixa da Xanda também evidencia as matrizes afro-indígenas presentes na formação histórica do Garantido. Como observa Braga (2002), as interpretações sobre a origem do boi-bumbá articulam influências europeias, africanas e indígenas. No caso do Garantido, essas matrizes encontram-se profundamente entrelaçadas. A trajetória de Lindolfo Monteverde, descendente de Alexandrina Monteverde e Marcelo Munduruku, revela como diferentes saberes, práticas religiosas e experiências culturais contribuíram para a constituição dos ritos que ainda hoje estruturam a vida simbólica do boi.

Ainda assim, a essência da Matança permanece ligada à Baixa da Xanda e ao Curral Lindolfo Monteverde. É nesses espaços que a memória de Lindolfo Monteverde continua presente e onde o ritual encontra seus significados mais profundos. Mais do que encenar a morte de um brinquedo, a celebração reafirma a capacidade de renovação da brincadeira do boi-bumbá. Ao morrer em julho e renascer em janeiro, o Boi Garantido atualiza anualmente os laços entre memória, território, devoção e tradição, assegurando a continuidade de uma das mais importantes expressões culturais da Amazônia.

Considerações finais

A análise dos ritos tradicionais do Boi Garantido evidencia que essas práticas ultrapassam a dimensão do espetáculo folclórico e constituem formas complexas de produção e transmissão da vida social. A Alvorada, Santo Antônio, São João, São Pedro e Matança do Boi Garantido e os demais rituais organizam tempo e oralidades, atualizam memórias coletivas e reafirmam vínculos de pertencimento que conectam diferentes gerações de brincantes. Cada rito mobiliza símbolos, gestos, cantos, deslocamentos, práticas religiosas e formas de sociabilidade que expressam a maneira pela qual a comunidade interpreta sua própria história e atribui sentido à sua existência. Nesse

aspecto, confirma-se a perspectiva de Clifford Geertz (2008) de que a cultura constitui uma teia de significados construída coletivamente, na qual os rituais podem ser compreendidos como contextos sociais capazes de comunicar valores, identidades e saberes.

Sob a perspectiva de Victor Turner, os ritos tradicionais do Garantido configuram experiências de liminaridade e *communitas*, nas quais as hierarquias cotidianas são temporariamente suspensas para dar lugar a uma intensa vivência coletiva. Ao caminhar pelas ruas da cidade os brincantes reafirmam uma identidade construída pela memória, pela devoção, pelo trabalho e pela solidariedade. Essas experiências revelam que o boi-bumbá não se restringe às apresentações realizadas na arena do Bumbódromo, mas constitui um sistema cultural muito mais amplo, sustentado por práticas cotidianas que preservam e renovam continuamente o patrimônio imaterial da comunidade garantida.

Desse modo, compreender os ritos tradicionais do Boi Garantido significa reconhecer que é nesses espaços de convivência, religiosidade, trabalho e celebração que a cultura popular se mantém viva e se reinventa diante das transformações contemporâneas. Mais do que eventos preparatórios para o Festival de Parintins, esses ritos representam formas de resistência cultural e luta da comunidade. É por meio deles que a comunidade reafirma sua memória, preserva suas tradições e projeta seu legado para as novas gerações, demonstrando que a permanência do Boi Garantido também se explica pela força dos vínculos sociais e simbólicos continuamente renovados em seus rituais.

Referências

AVÉ-LALLEMANT, Robert. Rio Amazonas. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo. (1859).

ASSUNÇÃO, Alvir. Boi-bumbá Corre Campo e outros famas. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

ANDRADE, Moacir. Alguns aspectos da Antropologia Cultural do Amazonas. Editora Madrugada, Manaus, 1978.

ANDRADE, Mário. Danças Dramáticas do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Os bois-bumbás de Parintins. Rio de Janeiro: FUNARTE; Manaus: EDUA, 2002.

BATALHA, S. S; SILVA, C. S. Boi-bumbá de Parintins (AM): performances dramáticas de uma brincadeira afro-indígena. Revista de História, Juiz de Fora, v. 30, n. 2, 2024.

GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem. Tradução de Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. Folclore: danças dramáticas. Coleção documentos da Amazônia, 48, Edições Governo do Amazonas, 1972.

SAUNIER, Tonzinho. O magnifico folclore de Parintins. Edições Parintins, Governo do Estado do Amazonas, 1989.

SILVA, Alvatir Carolino da. Festa dá trabalho: as múltiplas dimensões do trabalho na organização e a produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus. Manaus: Edua, 2011.

TURNER, Victor Witter. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.